
OS TRIOLÉS DE CRUZ E SOUSA: ENTRE A SÁTIRA E A CRÍTICA

The triolets by Cruz e Sousa: between satire and criticism

Chirley Domingues¹

DEBUS, Eliane. (Org.). *Triolé, triolé poemas de Cruz e Sousa vamos ler*. Ilustração Anelise Zimmermann. 2. Ed. Florianópolis: Cruz e Sousa, 2021. 36 p.

A historiografia literária, sobretudo a que encontramos nos livros didáticos, ainda que privilegie expressões do cânone escolar, com ênfase em nomes de escritores e títulos de obras, reduz a importância de muitos autores, cuja produção merece ser melhor estudada. Dentre esses, destaca-se Cruz e Sousa, o Cisne Negro, o maior representante da poesia simbolista no mundo.

O reconhecimento ao poeta catarinense e o desejo de levar às novas gerações publicações pouco conhecidas do autor fomentaram a publicação da editora que leva o seu nome. Trata-se de *Triolé, Triolé poemas de Cruz e Sousa vamos ler*, organizado por Eliane Debus e ilustrado por Anelise Zimmermann. O livro, que chega aos leitores como um convite à leitura de textos quase inéditos do escritor, reúne 20 poemas, mas se mostra uma novidade para todos que conheceram a obra do simbolista pela historiografia escolar que, por sua vez, se limita a destacar apenas alguns dos seus títulos.

Triolé, Triolé poemas de Cruz e Sousa vamos ler, revela outra faceta do ilustre catarinense. São poemas curtos, cuja linguagem é marcada pelo humor, pela sátira, e nas palavras de Eliane Debus, pelo "nonsense e os jogos rítmicos dos trava-línguas e as repetições sonoras tão presentes nos poemas de origem oral" (DEBUS, 2016, s.p). A força da linguagem dos triolés já pode ser evidenciada na primeira poesia selecionada por Debus, intitulada "Nas explosões", que coloca o leitor em contato com uma leitura brincante, provocada pelo próprio ritmo do poema:

¹ Doutora em Educação pela UFSC. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PGCL) da UNISUL.

Nas explosões de bons risos
Os triolés petulantes
Chocalhem, tinam, precisos
Nas explosões de bons risos,
Tilintem como mil guisos
Sonoros, raros, vibrantes
Nas explosões de bons risos,
Os triolés petulantes

No estudo intitulado *O 'popular' na poesia do jovem Cruz e Sousa* (1993), Muzart traz informações importantes sobre essa face mais desconhecida do poeta negro. No artigo citado, encontramos referências curiosas sobre o jovem autor e o período em que sua escrita se revela cheia de humor, sátira e crítica. São textos publicados em *O Moleque*, periódico catarinense fundado em 1884 e no qual Cruz e Sousa encontra o espaço ideal para trazer à tona suas “reivindicações e lutas”. (MUZART, 1993, p. 164). Por certo, isso ocorre por ser uma publicação mais caricata que, segundo Muzart, “tinha como objetivo primordial a crítica aos costumes e à política” (MUZART, 1993, p. 163)

É em *O Moleque*, que a veia humorística do poeta da antiga Desterro parece ter encontrado espaço ideal para a publicação dos triolés, gênero poético que prima pela sonoridade e forma fixa, apresentando oito versos, nos quais o primeiro se repete no quarto e os dois primeiros, no sétimo e no oitavo versos, desenhando uma estrutura que obedece a seguinte configuração: ABAaAB. Um bom exemplo é a poesia “Questão brocardo”:

-Pife, pufe, pafe, pefe
Pafe, pefe, pife, pufe -
A cacholeta no chefe-
-Pife, pufe, pafe, pefe
Estoure como um tabefe
E o ventre de raiva entufe-
-Pife, pufe, pafe, pefe
Pafe, pefe, pife, pufe!

O exemplo citado, rico em aliterações, reforça o caráter sonoro da poesia e solicita a declamação em voz alta. Ademais, evidencia um tom irônico e até mesmo de comicidade que, como destaca Muzart (1993), “[...] advém, principalmente, do ritmo rápido, das aliterações, das onomatopéias e jogos de palavras”. (p.168).

Pouco conhecida pela crítica e pela pesquisa acadêmica, a passagem de Cruz e Sousa pelo jornal catarinense, na opinião de Muzart, merece maior

atenção, pois é em *O Moleque* que se encontram as “linhas principais” da obra do referido autor, ainda que sejam textos que se diferenciam por revelarem “O cultivo de uma poesia satírica com raízes no popular e no cotidiano”. (MUZART, 1993, p. 163).

É esse tom popular, oral e “brincante” dos triolés e a possibilidade de serem apreciados pelas crianças, que serviu de inspiração para Eliane Debus. Aliás, foi a voz de uma criança que a provocou a se debruçar sobre a obra do poeta simbolista, como consta na dedicatória ao livro: “Ao menino Davi Nunes Moreira, que, numa fatura de sorriso, disse-me que era hora de pensar em escrever sobre o menino Cruz e Sousa.” (DEBUS, 2020, s.p)

Movida por essa sugestão, pelo desejo de destacar o reconhecimento do poeta simbolista no território nacional e na intenção de trazer à cena e valorizar a escrita negra, Debus voltou seu olhar atento para a obra de Cruz e Sousa e encontrou nos triolés a possibilidade de aproximar o autor dos pequenos leitores de uma forma mais lúdica e divertida. A atitude da organizadora, ao que tudo indica, parece encontrar eco em um desejo do próprio autor. É o que podemos imaginar, quando nos deparamos com o texto *As Crianças* (1891), publicado por Cruz e Sousa sob o pseudônimo Philósofo Alegre, no qual é descrito:

Deixae rir as crianças. Deixae-as deitar sobre tanques de marmore, sobre rios de jardim, sobre lagos de parque as suas pequeninas, encantadoras embarcações de papel; deixae-as montar, com a graça bizarra de mil jockeyzinhos, nos seus interessantes cavallos de páo; deixae-as correr, rubras de sol e de calor, ao longo das praias, na frescura umbrosa dos pomares, num chimereal esplendor; deixae-as borboletear, como borboletas maravilhosas, nos grandes campos floridos e verdes. (SOUZA apud SOUSA, 2017, p. 490).

E a aproximação dos pequenos leitores com o universo poético do escritor catarinense se faz de várias formas, com o lançamento da obra *Triolé, Triolé poemas de Cruz e Sousa vamos ler*. Primeiramente, pelas poesias selecionadas que misturam sonoridade, humor e denúncia social; segundo, porque a publicação resulta do edital Elizabete Anderle 2020, da Fundação Catarinense de Cultura (FCC), o que possibilitou a distribuição de inúmeros exemplares a alunos de várias escolas de seis municípios do extremo sul catarinense. Por fim, as ilustrações que acompanham os versos em cada página brindam os leitores com fotos selecionadas no acervo da família Debus, com exceção da foto do menino Davi, na página 28. São imagens de crianças, jovens e adultos que, de acordo com a ilustradora, “[...] se encaixam na narrativa, fazendo brincadeiras com outras memórias e infâncias. Nos

livros temos a oportunidade de conhecer outros percursos de vida, reviver lembranças e misturar realidade à fantasia. É isso que busquei trazer nas ilustrações”. (ZIMMERMANN, 2021, s.p).

O projeto gráfico de *Triolé, Triolé poemas de Cruz e Sousa vamos ler*, assim como a seleção dos poemas, resulta de um trabalho coletivo que nasce a partir de um processo criativo gerado pela leitura em voz alta dos textos de Cruz e Sousa, feita pelo Grupo de Pesquisa Literalise, da Universidade Federal de Santa Catarina, liderado pela organizadora, professora Eliane Debus. A musicalidade evidenciada na leitura feita por diversas vozes levou a diferentes interpretações e associações entre os títulos selecionados para a publicação. Esta contribuição foi essencial para a elaboração das ilustrações, segundo relato da própria ilustradora. Resultado, efeito sonoro e imagético se articulam, dando mais vigor ao livro que, em uma primeira impressão, pode ser visto como dirigido ao público infantil, mas cuja linguagem possibilita vislumbrar a preocupação com a consciência social, como exemplifica claramente a poesia “Levatem essa bandeira”, um chamado à luta contra os horrores da escravidão, como expressa o citado título:

Levatem esta bandeira
Da posição de farrapo;
Da terra azul brasileira
Levatem esta bandeira
Que sente o horror da esterqueira
Da escravidão - negro sapo.
Levatem esta bandeira
Da posição de farrapo.

O uso do imperativo no título do poema e na primeira estrofe provoca o leitor, não apenas a refletir sobre um tema tão caro ao nosso país, mas, a se engajar na luta que marca a obra e a vida do maior poeta simbolista de Santa Catarina e do Brasil, o que torna a publicação mais admirável e necessária no atual cenário nacional, sendo um convite a leitores de qualquer idade.

REFERÊNCIAS

DEBUS, Eliane. (Org.). *Triolé, triolé poemas de Cruz e Sousa vamos ler*. Ilustração Anelise Zilbermann. 2. Ed. Florianópolis: Cruz e Sousa, 2021. 36 p.

DEBUS, Eliane. A palavra poética na infância: a que(m)será que se des(a)tina. In: PEIXE, Débora Cristina de Sampaio; BRAGAGNOLO, Regina Ingrid; CONDE, Soraya Franzoni (org). *Desafios e Perspectivas da Formação Continuada de professores de Educação Infantil em Santa Catarina*. Florianópolis: NUP/UFSC, 2016. P. 151-168.

SOUZA, Luiz Alberto. *Os desclassificados do destino: Cruz e Sousa e os primeiros simbolistas*. (Rio de Janeiro, 1888-1898). 2017. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

MUZART, Zahidé L. O popular na poesia do jovem Cruz e Sousa. *Travessia*, São Paulo, n.26, p. 163- 169, jan. 1993.

Data de recebimento: 10 jul. 2022

Data de aprovação: 10 set. 2022